

CENA PURA

D. João Mehlmann O. S. B.

1 — Em alguns dialetos da Sardenha a “sexta-feira” é chamada *kenápura*, *kenáßura* ou *cenábara*, palavras que nada mais seriam do que adaptações do latim *cena pura*, expressão usada pelos judeus como alternativa de *parasceve*, “o dia que precedia o sábado”, e que seria, por sua vez, tradução do grego *δειπνον καθαρον* (1). A palavra *παζασκενη* nos é conhecida do Velho Testamento em seu sentido primitivo de “preparação” (2), enquanto no Novo, nas seis passagens em que ocorre, sempre designa o dia anterior à Páscoa, ou, mais especialmente, o dia da Paixão de Jesus, que nele caiu (3), como ainda hoje a Liturgia romana, um tanto pleonasticamente, fala na *Feria Sexta in Parasceve*, para designar a “Sexta-feira Santa”. Cremos que é sobretudo devido aos textos evangélicos, e não, quiçá, a influências judaicas (4), que a palavra *παζασκενη* — que continua a ser usada em seu sentido

-
- (1) M. L. WAGNER, “Sardisch kenábura ‘Freitag’”, *Zeitschrift für romanische Philologie* 40(1020)619-621; G. BONFANTE, “Tracce del calendario ebraico in Sardegna?”, *Word* 5(1949) 171-175. — Trata-se, na ordem em que pusemos os termos no texto, dos dialetos nuorês, logudorês e campidanês. — Escrevemos sempre *cena*, de acordo com o *Thesaurus Linguae Latinae* (abreviamos *Thesaurus*) III, Lipsiae 1906-1912, 778-780; A. BLAISE, *Dictionnaire latin-français des auteurs chrétiens*², Turnhout 1962, 142, e outros.
- (2) Ex 35, 24; 39, 22 (42); Idc 2, 17; 4, 5; 1Mac 9, 35; 2Mac 15, 21; ver E. HATCH-H. A. REDPATH, *A Concordance to the Septuagint* II, Graz 1954, 1064, col. a. Quanto ao grego profano ver A. BAILLY, *Dictionnaire grec-français*, Paris 1950, 1475, col. b-c.
- (3) Mt 27, 62; Mc 15, 42; Lc 23, 54; Jo 19, 14. 31. 42.
- (4) Ver JOSEFO, *Antiguid.* 16, 6, 2§ 163; SINÉSIO DE PTOLEMAIDE, *Epistola IV* (PG 66, 1332B). — Dizia-se igualmente *η πρὸ του σαββατου* como em 2Mac 8,26; JOSEFO, *Antiguid.* 3, 10, 7 § 255, etc., e *πρὸ-σαββατου*, como em Jdt 8, 6; Sl 91, 1S; Sl 91, 1. Mc 15, 42; EUSÉBIO, *De Solemnitate Paschali*, c. 12 (PG 24, 705C); S. EPIFANIO, *Adversus Haereses*, *Haer.* 75, 3 e 7 (PG 42,508B.512C), etc.; ver G. W. H. LAMPE,

de “preparação”, “treino” ou “prática” (5), passou a designar, na linguagem eclesiástica antiga e moderna, em grego ou na sua transliteração latina *parasceve*, “uma sexta-feira qualquer”, sempre incluindo, evidentemente, a Sexta-feira Santa, a *Santa* ou *Grande Parasceve* (6). Contudo, é nossa intenção estudar aqui apenas os textos antigos que designam a “sexta-feira” como *cena pura*, textos que se encontram arrolados, com maior ou menor exatidão, em diversos lugares (7). Com efeito, algumas das fontes antigas geralmente aduzidas necessitam de revisão crítica quanto à sua autenticidade, e de análise mais exata quanto ao seu conteúdo, como, por outro lado, se podem acrescentar outras, o que, de algum modo, vem mo-

A Patristic Greek Lexicon, Oxford 1968, 1163. — Mc 15, 42 pode ver-se também num fragmento do Diatéssaron de Taciano, encontrado em Dura Europos. Ver, por ex., M.-J. LAGRANGE, *Introduction à l'étude du Nouveau Testament. II^{me} Partie. Critique textuelle. II. La critique nationale* (EB), Paris 1935, 627-633.

- (5) G. W. H. LAMPE, *ib.* 1025.
- (6) Ver *Didaqué*, c. 8, 1 (FB 5; J.-P. AUDET, *La Didachè. Instructions des Apôtres* [EB], Paris 1958, 234); *Martírio de Policarpo*, c. 7, 1 (FB 123; SC 10, 250; PG 5, 1035C); Pseudo-Inácio, *Ad Philippenses*, c. 13, 3 (F. X. FUNK-F. DIEKAMP, *Patres Apostoli* II³, Tubingae 1913, 166; *id.* *Ad Trallianos*, c. 9, 5-6 (*ib.* 104-106); S. IRENEU, *Adversus Haereses*, I, I, c. 14, 6 (PG 7, 608A); CLEMENTE DE ALEXANDRIA, *Stromata*, I, VII, c. 12 (PG 9, 504B); ORIGENES, *Excerpta in Psalmos*, Ps. 77, 31 (PG 17, 144 D), *Constitutiones Apostolorum*, I, V, c. 13, 3. c. 14, 10. 20 (PG I, 864A-865-A. 876B. 880B:c. 15), et saepius; *Canones Apostolorum*, 69 (F. X. FUNK 584); *Apocalypsis Ioannis Apocrypha Secunda*, 18 (F. NAU, *Une deuxième Apocalypse apocryphe grecque de saint Jean*, Revue biblique, N.S. 11 [1914], 217); *Epistola Iesu de Dominica* (A. de SANTOS OTEIRO, *Los Evangelios apócrifos* [BAC 148], Madrid 1963, 676 e 677); S. BASÍLIO MAGNO, *Epistola XCIII* (PG 32, 484B), etc. — TERTULIANO, *Adversus Marcionem* I, IV, c. 6 (CC 1, 570; PL 2 [1879], 414A); *De Ieiunio Adversus Psychicos*, c. 14, 2 (CC 2, 1273; *ib.* 1024C); S. IRENEU (latino), *Adversus Haereses*, I, V, c. 23, 2 (PG 7, 1186A; SC 153, 294); S. VITORINO DE PETTAU, *De Fabrica Mundi*, c. 4 (CSEL 49, 5; PL 5, 305A); Anônimo Africano de 455 d.C., *De Computo Paschali* I, II (PL 59, 553A); S. JERÔNIMO, *Commentariorum in Epistolam ad Galatas* I, II, c. 4, 10-11 (PL 26 [1884], 404B/C); S. AGOSTINHO, *In Ioannis Evangelium Tractatus CXXIV*, Tract. 117, 2 e 120, 5 (CC 36, 651. 663; PL 35, 1945. 1954), etc. — Ver, por ex., G. W. H. LAMPE, *ib.* 1025; A. BLAISE *ib.* 593 etc.
- (7) M. L. WAGNER, *ib.* 620; G. BONFANTE, *ib.* 171; *Thesaurus* 779; A. BLAISE, *ib.* 142; C. DU FRESNE DU CANGE-L. FAVRE, *Glossarium Mediae et Infimae Latinitatis* II, Paris 1937, 389, col. a-b, dos quais citamos os glossários que não pudemos consultar pessoalmente: Vett. Glossae cap. de Festis p. 275: *Coena pura*, παρασκευή. Gloss. Latino-Arabic. et Papias: Parasceve, cena pura, id est, praeparatio quae fit pro Sabatto. Ver também o *Glossarium Amplonianum*, do séc. IX, citado em G. ROHLFS, *Sermo Vulgaris Latinus. Vulgärlateinisches Le-sebuch, Halle/Saale* 1951, 61: parasceuen: cenapura.

dificar o quadro até agora apresentado. Está igualmente sujeita a dúvidas a correspondência conjetural de *cena pura* com *δειπνον καθαζον*, que não encontramos confirmada em parte alguma, assim como também a derivação da expressão do fato de se tratar de uma ceia em que se comiam ázimos ou não se comia carne, bem como a suposição de que aquele termo latino tenha sido introduzido na Sardenha pelos quatro mil judeus aí exilados por Tibério (8).

2 — A menção mais antiga que se conhece de *cena pura* atribui-se a S. Ireneu de Lyon, concluindo-se daí que já na sua época, séc. II/III, a *sexta dies* ou *feria sexta*, formas igualmente usadas por ele, podia ser designada como *cena pura*, expressão que teria designado a ceia judaica, em que não se comia pão ázimo, e isto também pelos judeus de outras partes do Império. Com efeito, o pão ázimo ainda hoje na Sardenha se chama *pane púrile* ou *purilondzo*, o que poderia ser mais uma herança judaica legada aos dialetos daquela ilha (9). Citam-se de S. Ireneu duas passagens em que ele falaria de *cena pura*: *Adversus Haereses*, l. I, c. 14, 6 e l. V, c. 23, 9 (10). O primeiro texto diz, na versão latina, o único texto completo conhecido até agora da obra toda: *in sexta die, quae est in cena pura*; o segundo: *Parasceve, quae dicitur cena pura, id est, sexta feria, quam et Dominus ostendit passus in ea*. Vê-se, pois, que na primeira passagem se diz que *sexta dies* cai na *cena pura* ou com ela coincide, enquanto na segunda se identifica *Parasceve* com *cena pura* e *sexta feria*, tratando-se de

-
- (8) M. L. WAGNER, *ib.* 620s; G. BONFANTE, *ib.* 171. Vejam-se JOSEFO, *Antiquid.* 18, 3, 5 § 84; SUETÔNIO, *Tiberius* 36; CASSIO DIÓN, *Historia Romana* 57, 18, 5a; TÁCITO, *Annales* II, 85; SENECA, *Epistola* 108, 22; L. H. FELDMAN, *Josephus with an English Translation* IX, London/Cambridge, Mass. 1965, 60s e 576: *Appendix L. Selected Literature on the Expulsion of the Jews by Tiberius*, onde se dá destaque a E. M. SMALLWOOD, *Some Notes on the Jews under Tiberius*, *Latomus* 15 (1956) 314-329.
- (9) M. L. WAGNER, *ib.* 626s; G. BONFANTE, *ib.* 171. — Ambos os autores se referem, sem indicação do título do artigo, a H. RÖNSCH, *Zeitschrift für wissenschaftliche Theologie* 18 (1875) 431-436.
- (10) Ver ambas as passagens em PG 7, 607A e 1186A, a segunda ainda em A. ROSSEAU-L. DOUTRELAU-CH. MERCIER, *Irénée de Lyon. Contre les hérésies. Livre V. Édition critique d'après les versions arménienne et latine, Tome II. Texte et traduction* (Sources chrétiennes 153), Paris 1969, 294, obra que citamos como SC 153, como citamos SC 152 dos mesmos autores o *Tome I. Introduction, notes justificatives, tables*, Paris 1969. — As duas passagens de S. Ireneu são citadas, por ex., por G. BONFANTE, *ib.* 171; *Thesaurus*, *ib.* 779, a segunda por M. L. WAGNER, *ib.* 620¹.

três nomes diferentes para o mesmo dia. Ora, em ambas as passagens a expressão *cena pura* não é de S. Ireneu, mas de seu tradutor latino, como deste igualmente provém a *sexta feria* na segunda passagem. Com efeito, o primeiro texto é citado por S. Epifânio de Sálamis no texto original grego na exposição das doutrinas fantásticas dos gnósticos marcosianos sobre números e letras do modo seguinte *εν δε εκτη των ημεζων ητις εστι παζασκευη*, tratando-se no contexto da “Sexta-feira Santa” (11). Vemos, portanto, que o tradutor latino de S. Ireneu aqui usou *cena pura*, termo que lhe deveria ser familiar, para traduzir *παζασκευη*, pois não se vê por que S. Epifânio teria substituído em sua citação esta palavra por *δειπνον καθαζον*, se tivesse lido esta expressão em seu texto de S. Ireneu.

3 — Na segunda passagem as palavras *quae dicitur cena pura, id est, sexta feria*, onde não se conservou o texto original grego, faltam na versão armênia, que existe dos livros IV e V do *Adversus Haereses* (12). Ora, informam-nos que a língua armênia em geral se presta de modo todo especial a versões literais do grego, sem por isso fazer violência ao caráter do próprio idioma (13). Quer dizer que também aqui não se vê por que os tradutores armênios deveriam ter deixado de verter *δειπνον καθαζον*, se o tivessem lido no texto original, e concluímos que nos deparamos com uma glosa do tradutor latino de S. Ireneu, o qual no primeiro texto usou *cena pura* para traduzir *parascève*, e no segundo explicou *parascève* por *cena pura, id est, sexta feria* (14). Considerando, pois, que as atestações certas mais antigas de *cena pura* provém todas da África, como veremos, e considerando, ainda, que o uso do termo *feria* para designar “dia da semana” igualmente se atesta pela primeira vez em Tertuliano e outros escritores

(11) *Adversus Haereses*, Haer. 34, 7 (PG 41, 596B), texto reproduzido também em PG 7, 607A, ao lado da versão latina de S. Ireneu.

(12) Ver SC 153, 294 e a nota crítica de SC 152, 318, citada na nota 14.

(13) Ver, por ex., a descrição encomiástica da versão armênia do Velho Testamento feita por F. C. CONYBEARE, *Armenian Version of the OT*, in: J. HASTINGS, *A Dictionary of the Bible* I, Edinburgh 1906, 152. — O mesmo em outros autores.

(14) Ver SC 152, 318: On notera la curieuse glose dont le texte latin est agrémenté: ‘hoc est Parascève, quae dicitur cena pura, id est sexta feria’. La même interprétation du mot *παζασκευη* s’était déjà rencontrée dans la version latine, en I, 14, 6, ou le grec...était traduit: ‘in sexta die, quae est in *cena pura*’.

africanos (15), estaríamos inclinados a ver nas duas passagens do tradutor latino de S. Ireneu um argumento a favor daqueles que mantêm que esta versão se fez precisamente naquela região do Império, e que ela é muito antiga, anterior, talvez, ao próprio Tertuliano, como veremos mais adiante (16). De qualquer modo, porém, podemos ter como certo, que a expressão *cena pura* nada tem a ver com S. Ireneu, e, portanto, que ela igualmente não provém das Gálias, onde ele escreveu, e nem mesmo da Ásia Menor, onde nasceu. É preciso distinguir cuidadosamente entre S. Ireneu e seu tradutor latino. Não se pode, pois, concluir (17), que os textos de S. Ireneu demonstram que *cena pura* era usado também pelos judeus de outras partes do Império, fora dos da África do Norte, uma vez que nem S. Ireneu nem seu tradutor latino mencionam os judeus no contexto de ambas as passagens.

4 — Tendo, pois, eliminado o nome de um autor, S. Ireneu, do rol de atestações de *cena pura*, visto que são do seu tradutor latino, temos que eliminar um texto de autor anônimo, do *Corpus Hermeticum*, e igualmente de um tradutor latino, isto é, o tratado anônimo *Asclepius*, também já atribuído a Apuleio de Madaura (18). O último capítulo deste trabalho termina com uma oração ao deus supremo, e conclui: *Haec optantes convertimus nos ad puram et sine animalibus cenam* (19). Temos, por conseguinte, a expressão *cena pura*, e ao mesmo tempo sua definição, pois trata-se, no caso, de

-
- (15) TERTULIANO, *De Ieiunio Adversus Psychicos*, c. 2, 3 (CC 2, 1258; PL 2 [1879], 1007A); [CIPRIANO], *De Pascha Computus*, c. 6-9 (CSEL 3, iii, 253-256; PL 4 [1891], 1031A-1035B), passim; TICÓNIO, *Liber de Septem Regulis*, Reg. V. De Temporibus (PL 18, 47C-49B), passim; OPTATO DE MILEVE, *De Schismate Donatistarum*, l. I, c. 23 (CSEL 26, 26; PL 11, 931A); QUINTO JÚLIO HILARIANO, *De Ratione Paschae et Mensis*, 15 (PL 13, 1141B/C); Anonymus, *De Genealogiis Patriarcharum Liber* (PL 59, 536C/D); Anônimo Africano de 455 d.C., *De Ratione Paschae seu Computus Carthaginensis* (ib. 545C); MAXIMINO ARIANO, *De Lectionibus Evangeliorum Hom. XVII* (B. CAPELLE, *Revue bénédictine* 40 [1928], 67; PL 57, 822B); [PÓNCIO MAXIMO], *De Solstitiis et Aequinoctiis* (PLS 1, 559), etc.
- (16) Ver J. QUASTEN, *Patrologia I^a* (BAC 206), Madrid 1968, 290, citado na nota 50, e o nosso n. 10.
- (17) Como faz M. L. WAGNER, *ib.* 620^a.
- (18) Aduzido por G. BONFANTE, *ib.* 171, o qual anota sua omissão no *Thesaurus*, o que, como veremos, se justifica mais do que amplamente.
- (19) *Asclepius*, c. 41 (A. D. NOCK-A. J. FESTUGIERE, *Corpus Hermeticum II* [Collection des Universités de France], Paris 1945, 355). Ver também P. THOMAS, *Apulei Platonici Madaurensis De Philosophia Libri*, Lipsiae 1908, 81.

uma *cena* vegetariana do tipo pitagórico (20). Com efeito, as palavras *sine animalibus* parecem definir o que seja, no caso, uma *cena pura*, sendo a conjunção *et* explicativa ou epe-gegética, e não propriamente conjuntiva e distintiva (21). Por outro lado, se temos a expressão $\tau\acute{\omicron}\phi\eta\ \alpha\gamma\eta\eta\ \kappa\alpha\theta\alpha\lambda\alpha$ em Porfírio, descrevendo a refeição vegetariana dos Essênios, expressão acrescentada por ele ao texto de Flávio Josefo, a quem cita (22), não nos foi dado encontrar em parte alguma a expressão $\delta\epsilon\iota\pi\upsilon\omicron\nu\ \kappa\alpha\theta\alpha\lambda\omicron\nu$, nem para designar alguma ceia pitagórica ou outra qualquer, nem a ceia pascoal judaica, e isto nos papiros, na Septuaginta, no Novo Testamento, e até mesmo na literatura patrística, o que sempre poderia ser possível, tomando-se a ceia pascoal como figura da Eucaristia, ou a esta como realização do sacrifício puro — da $\theta\nu\sigma\iota\alpha\ \kappa\alpha\theta\alpha\lambda\alpha$ — a ser oferecida a Deus, conforme profetizara Malaquias (23). Por outro lado, a ceia pascoal judaica, antes da destruição do Segundo Templo em 70 A.D., não era vegetariana — *sine animalibus* —, porque nela se comia o cordeiro pascoal, e também depois daquele fato, além

-
- (20) A. D. NOCK-A.-J. FESTUGIÈRE, *ib.* 401 (nota 359), onde se cita Porfírio, *De Abstinentia* I, 2 (86,5), 52 (126,8) e I, 46 (121, 24), e 354, onde se traduz: Avec ces vœux, nous nous rendimes à une cène pure, que ne souillait nul aliment ayant eu vie; A.-J. FESTUGIÈRE, *La révélation d'Hermès Trismégiste* I (EB), Paris 1944, 31.
- (21) Ver S. AMBRÓSIO, *Expositio Psalmi CXVIII*, Sermo 18, 33 (CSEL 62, 415; PL 15 [1887], 1540B/C): Quoniam ergo "et" syllaba, ut grammatici appellant, coniunctiva sit, habet tamen distinctionem quo confusio disiungitur ac separatur...
- (22) *De Abstinentia* IV, 12 (247, 21-22N.), citado em A. D. NOCK-A.-J. FESTUGIÈRE, *ib.* 401, onde se trata de palavras que Porfírio ajunta à descrição da refeição vegetariana dos Essênios dada por JOSEFO, *Bell. Iud.* 2, 8, 5 § 131. Ver também A. ADAM, *Antike Berichte über die Essener* (Kleine Texte 182), Berlin 1961, 28, onde se lêem as variantes de Porfírio no rodapé. — TH. REINACH, *Textes d'auteurs grecs et romains relatifs au Judaïsme*, Hildesheim 1963, 204s, citando a mesma obra de Porfírio, passa de IV, 11 para IV, 14, omitindo infelizmente a passagem em apreço, que teria permitido a comparação entre seu texto e o de Josefo.
- (23) Mal 1, 11. — Verificamos $\delta\epsilon\iota\pi\upsilon\omicron\nu$ e $\kappa\alpha\theta\alpha\lambda\alpha$ em H. STEPHANUS, *Thesaurus Graecae Linguae* III, Graz 1954, 960s e V, *ib.* 766s; H. G. LIDDLE-SCOTT, *A Greek-English Lexicon* I^o, Oxford 375, 850s; E. HATCH-H. A. REDPATH, *ib.* I, 288, col. a e II, 698, col. c-699, col. c; A. BAILLY, *ib.* 440.991; I. H. MOULTON-G. MILLIGAN, *The Vocabulary, of the Greek Testament Illustrated from the Papyri and Other Non-Literary Sources*, London 1952, 139.311; W. BAUER, *Griechisch-deutsches Wörterbuch zu den Schriften des Neuen Testaments und der übrigen urchristlichen Literatur*^s, Berlin 1963, 344.766s; G. W. H. LAMPE, *A Patristic Greek Lexicon*, Oxford 1968, 335.684-685.

de incluir os ázimos, e somente naquela ocasião (24), incluía igualmente, como ainda hoje inclui, lauto banquete festivo, no qual também se come carne. Temos, por conseguinte, mera coincidência nas expressões, e nenhuma relação com a *cena pura* dos judeus, que aqui nos interessa.

5 — Os primeiros textos que ligam expressamente a *cena pura* com os judeus encontram-se em Tertuliano. Diz ele que certos pagãos achavam que o Sol era o deus dos cristãos, porque sabiam que estes oravam em direção ao Oriente, e observavam o dia do Sol, o domingo (25). Ora, os próprios pagãos, afetando por vezes as coisas celestes, fazem “vibrar seus lábios” em direção ao nascer do Sol, assim como também incluíram o Sol na lista dos sete dias, regulando-se por ele para determinar em que dia vão banhar-se, ou adiar seu banho para o entardecer, ou quando dedicar-se ao ócio ou aprestar o almoço. Agindo desta forma, nada mais fazem do que afastar-se da sua própria religião, para adentrar-se na dos outros (26). *Iudaei enim festi sabbata et cena pura et Iudaici ritus lucernarum et ieiunia cum azimis et orationes litorales, quae utique aliena sunt a diis vestris* (27). Vós, portanto, conclui ele ironicamente, que criticais em nós o Sol e seu dia,

(24) Conforme JOSEFO, *Antiguid.* 3, 6, 6 § 142 e 10, 7 § 255 e a tradição rabínica também os pães da proposição ou da face deviam ser ázimos, embora isto não fosse previsto pela Lei; ver H. L. STRACK-P. BILLERBECK, *Kommentar zum Neuen Testament aus Talmud und Midrash III*, München 1926, 719-721.

(25) O dia do Sol já aparece em S. JUSTINO, *Apologia I*, c. 67 (PG 6, 429B-432A).

(26) *Ad Nationes*, l. I, c. 13, 1-4 (CC 1, 32; PL I [1879], 650A/B): *Alii plane humanius solem Christianum deum aestimant, quod innotuerit ad Orientis partem facere nos precationem, vel die solis laetitiam curare. 2. Quid vos minus facitis? Non plerique affectatione adorandi aliquando etiam caelestia ad solis initium labra vibratis? 3. Vos certe estis, qui etiam in laterculum septem dierum solem recepistis, et ex diebus ipsorum praelegistis, quo die lavacrum subtrahatis aut in vesperam differatis, aut otium et prandium curetis. 4. Quod quidem facitis exorbitantes et ipsi a vestris ad alienas religiones. — Ver também a passagem paralela no *Apologeticum*, c. 16, 9-10 (ib. 116; ib. 426A-427A). Quanto à expressão *labra*, respectivamente *labia* (na 2.ª passagem) *vibrare*, ver HORÁCIO, *Epistola I*, 16,60: *labra movet metuens audiri*; PÉRSIO, *Satyra V*, 184; *Labra movet tacitus*. — Temos a impressão de que se trata de uma oração silenciosa, onde só se movem os lábios, como na oração de Ana, mãe de Samuel, em *1Sam 1*, 13. Outro parece ser o sentido em S. AGOSTINHO, *Contra Adversarium Legis et Prophetarum*, l. I, c. 24, 52 (PL 42, 636): *ures infidelitas claudit, avertit faciem, exasperat vultum, linguam vibrat, blasphemias iaculatur*.*

(27) *Ib.*, 4 (ib. 32; ib. 650B). — Estas expressões faltam na passagem paralela do *Apologeticum*, c. 16, 9-11 (ib. 116; ib. 426A-428A).

reconheci a vizinhança: não estamos longe de Saturno e dos vossos sábados (28). Tomando *Iudaei* como adjetivo masculino plural e subentendendo *dies (festi)*, traduzimos do modo seguinte: “Pois são dias de festa judaica os sábados e a ceia pura e são judaicos os ritos das candeias e os jejuns com ázimos e as orações à beira-mar, coisas estas inteiramente alheias aos vossos deuses” (29). Notemos que *cena pura* vem no singular e depois dos sábados no plural, pelo que poderíamos pensar, não em “sexta-feira qualquer”, isto é, o dia anterior ao sábado, mas na *cena pura* que precede a páscoa judaica, a que podem referir-se igualmente as candeias, e certamente se referem os jejuns e os ázimos. As *orationes litorales* simplesmente aludem ao costume judaico de reunir-se para orar ou construir suas sinagogas à margem dos rios ou à beira-mar para facilitar os ritos de purificação (30). Mencionam-se estas orações, porque se havia falado no banho dos pagãos regulados pelo Sol, como se fala do *prandium* precedido de jejum.

6 — Numa segunda passagem, no *Adversus Marcionem*, ao analisar a Epístola aos Gálatas, fala dos elementos débeis e mesquinhos, mencionados por S. Paulo (Gal 4, 9) e diz que aí não se trata dos elementos do mundo — *στοιχια του κοσμου* —, o Sol, a Lua e as estrelas, como às vezes se dá (31), mas, sim, dos primeiros elementos, das primeiras letras dos romanos, do alfabeto, enfim (32), isto é, da letra da Lei do Velho Testamento, pois assim os entende o próprio Apóstolo quando declara no verso seguinte: *dies observatis*

(28) *Ib.*, 5 (*ib.* 32; *ib.* 650B/C).

(29) Outra é a tradução de A. BLAISE, *ib.* 142: c'est de la fête juive que font partie le sabbat et le banquet. — O autor entende a passagem da sexta-feira comum.

(30) Ver *Esd* 8, 15.21; *Act* 16, 13, onde os judeus de Filipos se reúnem fora da cidade perto do rio; JOSEFO, *Antiguid.* 12, 2, 13 § 106 e 14, 10, 23 § 258; JUVENAL, *Satyra III*, 13s: Nunc sacri fontis nemus et delubra locantur Iudaeis; TERTULIANO, *De Ieiunio Adversus Psychicos*, c. 16, 6 (CC 2, 1275, PL 2 [1879], 1028A): per omne litus.

(31) Ver, por ex., L. E. SCHEU, *Die 'Weltelemente' beim Apostel Paulus (Gal. 4, 3.9 und Kol. 2, 8.20)*, Washington, D.C. 1933; L. HUBY, *ΣΤΟΙΧΕΙΑ dans Bardesane et dans saint Paul*, *Biblica* 15 (1934) 365-368; G. DELLING, *στοιχειον*, *Theologisches Wörterbuch zum Neuen Testament VII*, Stuttgart 1964, 670-687.

(32) Ver TERTULIANO, *Adversus Mencionem l. V*, c. 4, 5 (CC 1, 672; PL 2 [1879], 508B): Elementa autem apud Romanos quoque etiam primae litterae solent dici; ORIGENES-RUFINO, *In Numeros Homilia II*, 2 (PG 12, 592A/B): Omnes qui litteras norunt, certum est quod viginti quattuor, si Graeca, viginti tria, si Latina, litterarum elementa didicerint, et ex his omnia, quaecumque scribenda sunt, scribunt.

et menses et tempora et annos (Gal 4, 10). A isso Tertuliano ajunta: *et sabbata, ut opinor, et cenas puras, et ieiunia et dies magnos* (33). Se podemos supor que Tertuliano quer definir os termos do texto de S. Paulo na mesma ordem, teríamos *dies* explicado por *sabbata*, *menses* por *cenas puras*, *tempora* — *καίροι* — por *ieiunia*, e *annos* por *dies magnos*. Isso quer dizer que *cenas puras*, embora desta vez se diga no plural, poderia outra vez corresponder à “ceia pascoal”, pois novamente vem depois dos sábados, e depende da observância de um determinado mês, precisamente aquele no qual se celebrava a Páscoa. Contudo, para não forçarmos demasiadamente o texto, podemos dizer que Tertuliano simplesmente começa sua enumeração pela festa judaica que mais chamava a atenção dos pagãos, o sábado (34). Por outro lado, não escapamos do fato de a *cena pura* em ambos os textos seguir os sábados e estar no singular no primeiro texto, pois o plural no segundo poderia muito bem referir-se à ceia pascoal anualmente repetida. Estaríamos, enfim, inclinados a ver na *cena pura* o dia da ceia pascoal, a nossa Sexta-feira Santa, ainda mais que Tertuliano conhece a *sexta feria, sexta sabbati* e *parasceve* para designar a “sexta-feira comum”, a de cada semana (35).

7 — Temos, em seguida, o famoso *Liber de Septem Regulis* do donatista Ticônio (c. 400), no qual este expõe alguns princípios fundamentais da exegese bíblica cristã, que granjearam larga influência, devido, provavelmente, ao fato de S. Agostinho os ter comentado e recomendado (36). Na *Regula V*, que trata *De Temporibus*, ele discute, entre outras coisas, o texto de Mt 12, 40, onde Jesus diz que, assim como Jonas passou três dias e três noites no ventre do monstro marinho (Jon 2, 1s), assim ficaria o Filho do Homem três dias e três noites no coração da terra. Ora, diz Ticônio, não se podem interpretar como uma das três noites — a primeira, portanto,

(33) *Adversus Marcionem l. V*, c. 4, 5-6 (CC 1, 672; PL 2 [1879], 508C).

(34) Ver TH. REINACH, *ib.* 374, no índice alfabético, onde se indicam as passagens onde os diversos autores falam do sábado, estranhando o fato de os judeus ‘perderem’ inutilmente um dia inteiro por semana.

(35) *De Ieiunio Adversus Psychicos*, c. 23 (CC 2, 1258; PL 2 [1879], 1007A): *quartae feriae et sextae*; *ib.*, c. 14, 2 (*ib.* 1273; *ib.* 1024C): *Cur stationibus quartam et sexta sabbati dicamus et ieiuniis parasceven*; *Adversus Marcionem l. IV*, c. 12, 6 (CC 1, 570; PL 2 [1879], 414A): *in biduum legi manna solummodo permisit in parasceve*.

(36) PL 18, 15B-66B. — Infelizmente não conhecemos a edição clássica de F. C. BURKITT, *The Rules of Tyconius* (Texts and Studies III, 1), Cambridge 1894. Quanto a S. Agostinho, ver a nota 47.

das três — as trevas que se fizeram da hora sexta à nona, hora em que Jesus morreu (Mt 27, 45; Mc 15, 33; Lc 23, 44), como, de fato, alguns interpretavam (37), porque durante este espaço de tempo Jesus ainda estava vivo, e, por conseguinte, ainda não se encontrava no coração da terra. Isto se deu apenas quando ele morreu e foi sepultado, durante as três horas restantes daquela *sexta feria* (38), da nona à duodécima, pela qual terminava o dia (39). Para provar este último fato acrescenta ele: *Quoniam post occasum solis non licebat Iudaeis sepelire: cum esset pura cena initium sabbati sicut Ioannes dicit: Illic ergo, propter cenam puram Iudaeorum, quoniam proximum fuerat monumentum, posuerunt Iesum* (Io 19, 42) (40). Temos, pois, a expressão *pura cena* na boca de Ticônio e a declaração de que ela era o *initium sabbati*, e uma citação literal de Jo 19, 42 para prová-lo, onde novamente fala Ticônio em *cena pura*. Isto parece provar, ao mesmo tempo, que ele lia *cena pura* em Jo 19, 42 em seu código, enquanto ele mesmo inverte a ordem e diz *pura cena* (41). De qualquer forma, ficamos novamente com a *cena pura* ou *pura cena* referindo-se apenas à Sexta-feira Santa.

8 — Temos agora a examinar dois textos de S. Agostinho. No *Sermo CCXXI* tenta ele explicar a seu povo como é que Jesus ressuscitou no terceiro dia (1Cor 15, 4), ou seja, como havia feito Ticônio, depois de três dias e três noites (Mt 12, 40). Diz que os dias no Novo Testamento se contam incluindo a noite anterior, e continua: *Dies igitur dominicae passionis, quo crucifixus est, iam transactam noctem propriam*

- (37) Ver, por ex., AFRAATES, *Demonstratio XII. De Paschate*, 7 (Patr. Syr. 1, 520s); *Didascalia Apostolorum*, I, V, c. 14, 9-13, e *Constitutiones Apostolorum*, I, V, c. 14, 16-18 (PG 1, 877B-880A; F. X. FUNK, *Didascalia et Constitutiones Apostolorum* I, Torino 1970, 274-276.277); S. AMBRÓSIO, *De Interpellatione Iob et David I. I*, c. 5, 14 (CSEL 32, II, 219; PL 14 [1882], 841C/D); *Explanatio Psalmi XLIII*, 69 (CSEL 64, 511; ib. 1176C: n. 68); PSEUDO-TEÓFILO, *Commentarius in Quattuor Evangelia*, I, I, 36 PLS 3, 1307), etc.
- (38) *Liber de Septem Regulis*, Reg. V (PL 18, 49B): Non enim potuit esse in corde terrae, nisi ex quo mortuus vel sepultus est, quod factum est in tribus horis sextae feriae, intra duodecimam.
- (39) Ver, por ex., J. KROMEYER-G. VEITH, *Heerwesen und Kriegführung der Griechen und Römer*, München 1928, 347; CENSORINO, *De Die Natali* 23, 2: naturaliter dies est tempus ab exoriente sole ad solis occasum...6. in horas XII diem divisum esse noctemque in totidem vulgo notum est...; MACRÓBIO, *Saturnaliorum* I, 3, 14, que cita as XII Tábuas: solis occasus suprema tempestas esto.
- (40) Ib. (ib. 49B).
- (41) Quanto aos códigos do Novo Testamento ver o n. 12.

sequebatur; ideoque clausus et terminatus est usque ad parasceven, quam Iudaei etiam cenam puram vocant, ab eius noctis exordio incipiente sabbati observatione (42). Vê-se que para S. Agostinho *cena pura* e *parasceve* são propriamente a tardinha da Sexta-feira Santa, quando começa a segunda noite das três em apreço, como, aliás, é por esta ocasião que as passagens do Novo Testamento falam em *parasceve*, como disse-mos acima (n. 1). Quanto aos judeus mencionados, explica-os ele no segundo texto, posterior ao primeiro (43). Com efeito, ao comentar Jo 19, 42 em seus Tratados sobre este Evangelho, onde se narra que Jesus foi sepultado num túmulo novo que havia perto do lugar da crucifixão (44), dá ele a seguinte explicação: *Acceleratam vult intelligi sepulturam, ne advesperasceret; quando iam propter parasceven, quam cenam puram Iudaei Latine usitatius apud nos vocant, facere tale aliquid non licebat* (45). Temos, por conseguinte, os judeus em apreço localizados na África do Norte — *apud nos* —, embora esta expressão possa igualmente referir-se, mais em particular, à região de Hipona, onde consta a existência de judeus (46). Por outro lado, S. Agostinho, no texto que comenta, segue a Vulgata. O fato, pois, de ele mencionar a *cena pura* dos judeus precisamente nesta passagem e como que *per transennam* — como, aliás, também na anterior —, sugere que ele conhecia códices neotestamentários que liam aquela expressão em Jo 19, 42, ou que se lembrava do texto de Ticônio

(42) *Sermo CCXXI* (PL 38, 1090, onde se lê: *ab eius noctis exordio incipientes sabbati observationem*). Este trecho de um *Sermo* foi tirado de EUGÍPIO, *Excerpta ex Operibus S. Augustini*, c. 120, 135 (CSEL 9, 445s; PI 62, 764A/D: c. 128); ver o n. 13. O *Sermo* completo, o *Guelferbytanus V. Tractatus de Nocte Sancta ii*, foi publicado por G. Morin, *Miscellanea Agostiniana I*, Roma 1930, 457-460. Ver nossa passagem, c. 4, ib. 459, como também em PLS 2, 552, onde se encontra o texto crítico que citamos. O *Sermo* é citado em A. BLAISE, ib. 142, e pode ser acrescentado ao *Thesaurus*.

(43) Conforme A. KUNZELMANN, *Die Chronologie der Sermones des hl. Augustinus: Miscellanea Agostiniana II*, Roma 1931, 437 e 516, o *Sermo Guelferbytanus 5* é anterior ao ano de 405, ou, mais exatamente, foi proferido entre 393 e 405. Os *Tractatus in Ioannem*, pelo contrário, foram proferidos e parcialmente ditados entre 413 e 418; ver F. MORIONES, *Enchiridion Theologicum S. Augustini* (BAC 205), Madrid 1961, 707.

(44) Túmulo pertencente a José de Arimatéia, como se diz em Mt 27, 60.

(45) *In Ioannis Evangelium Tractatus CXXIV*, Tract. 120, 5 (CC 36, 663; PL 35, 1954).

(46) Ver, por ex., J. JUSTER, *Les Juifs dans l'empire romain I*, Paris 1914, 208: Numídie. Hippo Regius, onde se cita de S. Agostinho, *Sermo 196*, c. 4, 4 (leia-se PL 38, 1020s, em lugar de PL 33, 713): *Christiani estis omnes; Deo propitio, Christiana est civitas. Duo genera hominum hic sunt, Christiani et Iudaei*.

(n. 7), cuja obra bem conhecia e frequentemente citava (47), ou, enfim, que quis passar a seus ouvintes e leitores aquela informação, que talvez nem todos conhecessem. Diz, pois, na primeira passagem, que os judeus também — *etiam* — chamavam a parasceve *cena pura*; na segunda, que o faziam *usitatius* ao falar em latim.

9 — Diante disso é interessante notar um terceiro texto seu nos mesmos Tratados sobre S. João, onde ele diz, pouco antes do texto que vimos: *Parasceve autem Latine praeparatio est; sed isto verbo Graeco libentius utuntur Iudaei in huiusmodi observationibus, etiam qui magis Latine quam Graece loquantur* (48). Diante disso temos o quadro seguinte: os judeus da África do Norte, incluindo os que falavam mais o latim do que o grego, preferiam a palavra grega *parasceve* à latina *praeparatio*, mas também diziam *cena pura* em lugar de *parasceve*, e até o faziam *usitatius*. Concluímos que, se é “mais frequentemente” que usavam *cena pura*, nem todos os faziam. Veremos mais adiante (n. 13s), de um lado, como o segundo texto de S. Agostinho, límpido e claro, se transmitiu mais ou menos inalterado até à Idade Média, e, do outro, que foi ampliado o seu conteúdo e alterado o seu sentido, a ponto de incluir todos os judeus do Ocidente latino.

10 — Resumindo as informações dos escritores africanos, temos o quadro seguinte: Tertuliano fala duas vezes da *cena pura* dos judeus, e parece provável que em ambas se referia à ceia pascoal (n. 5s). Ticônio usa *cena pura* e *pura cena*, e parece ter lido *cena pura* em seu texto de Jo 19, 42 (n. 7). Também S. Agostinho menciona ao menos duas vezes a *cena pura* dos judeus, e nos informa expressamente que os judeus da África do Norte, quando se exprimiam em latim, usavam de preferência *cena pura* em lugar de *parasceve* (n. 8s). Seria, pois, interessante poder definir a eventual relação, direta ou indireta, entre estes escritores e a versão latina do *Adversus Haereses* de S. Ireneu. É certo que S. Agostinho a cita em seus livros *Contra Iulianum*, escritos em 422 (49). Trata-se

(47) *De Doctrina Christiana* l. III, c. 30, 42-37, 56 (CC 32, 102-116; PL 34, 81-90); *De Genesi ad Litteram* l. XI, c. 24-25 (PL 34, 441-443); *Quaestio-num in Heptateuchum* l. II, Qu. 47,3 (CC 33, 89; PL 34, 611); *Epistola XLI*, 2 (CSEL 34, ii, 83; PL 33, 159); *Epistola XCIII*, c. 10, 43 (ib. 486-488; ib. 342s), etc.

(48) *In Ioannis Evangelium Tractatus CXXIV*, Tract. 117, 2 (CC 36, 651; PL 35, 1945).

(49) Ver B. ALTANER, *Augustinus und Irenäus: Kleine patristische Schriften* (TU 83), Berlin 1967, 194.

de saber se a mesma é anterior ou posterior a Tertuliano, ou seja, se este pode depender dela. Há quem diga que ela é anterior a 250, porque S. Cipriano dela se teria servido, e há quem a ponha já pelo ano 200, precisamente na época de Tertuliano, que igualmente a teria conhecido (50). Infelizmente não temos à mão nenhuma das obras fundamentais a respeito desse problema. O fato é que Tertuliano cita nominalmente a S. Ireneu, dele depende em sua descrição do sistema gnóstico de Valentino, e com ele concorda igualmente em muitos outros pontos (51), mas como ele lia e escrevia perfeitamente o grego, ainda não sabemos se ele depende do texto grego ou da versão latina de S. Ireneu, embora haja certos elementos que nos façam suspeitar que se trata da segunda alternativa (52). Quanto à *cena pura* e à *sexta feria* em particular, termos comuns a Tertuliano e à versão latina mencionada, podem eles simplesmente refletir o uso africano, e mais de perto o dos judeus da África do Norte, sem que haja qualquer dependência mútua entre ambos os escritores. Se a versão latina de S. Ireneu emprega duas vezes *cena pura* para explicar ou substituir *parasceve* (n. 2s), pode estar empregando um termo mais conhecido para explicar outro menos comum, enquanto Tertuliano expressamente nos informa que esses termos eram usados pelos judeus. De qualquer modo convém lembrar que a versão latina de S. Ireneu parece ser

- (50) J. QUASTEN, *Patrologia I^o* (BAC 206), Madrid 1968, 290 diz sobre a versão latina: H. Jordan y A. Souter opinan que esta traducción se hizo en el Africa del Norte, entre los años 370 y 420. H. Koch en cambio, sostiene que debe de ser anterior al año 250, porque Cipriano se sirvió de ella. W. Sanday va aún mas lejos y le asigna la fecha del 200. — Na seção bibliográfica, ib. 291, cita destes autores: W. SANDAY-C. H. TURNER, *Novum Testamentum sancti Irenaei*, Oxford 1923; SOUTER, ib. LXVss; TURNER, ib. CLXXss; H. KOCH, *I rapporti di Cipriano con Ireneo e altri scrittori greci*, Ricerche Religiose (Roma) 5 (1929) 137-163; *Ancora Cipriano e la letteratura cristiana greca*, ib. 523-537; H. JORDAN, *Armenische Irenaeusfragmente* (TU 36,3), Leipzig 1913.
- (51) Ver TERTULIANO, *Adversus Valentinos*, c. 5, 1 (CC 2, 756; PL 2 [1879], 583A): Irenaeus, omnium doctrinarum curiosissimus explorator. — Ver CC 2, 758-778, onde aparecem as citações de S. Ireneu no aparato das fontes do *Adversus Valentinos*.
- (52) Ver, por ex., A. D'ALÈS, *La traduction latine de saint Irénée*, Revue des études grecques 29 (1916) XLVIII-XLIX. — Trata-se de uma comunicação oral, feita em 3 de junho de 1915, numa sessão da *Association pour l'encouragement des études grecques*. O autor se baseia em duas traduções erradas do texto de S. Ireneu — I. I, 2, 4: *cum appendice passione... crucifixam...*, e I, 2, 3, onde o nome do gnóstico Epifanes é traduzido por *clarus* — comuns ao tradutor latino de S. Ireneu e a Tertuliano, e acha ser mais viável concluir para uma dependência do último do primeiro, do que vice-versa.

antiquíssima e talvez seja de origem africana, confirmando o emprego de *cena pura* na África do Norte para designar o dia da ceia pascoal dos judeus e a esta mesma ceia.

11 — *Cena pura* aparece ainda várias vezes no *Prologus Paschae* ou *Computus Paschalis* de 395 de autor anônimo, que diz, num latim por vezes ininteligível e numa ortografia atroz: *Sequitur et dispositio de cursu lunae et de diebus legitimis pasche iuxta iuris domini ordinem adque ipsius veritatis examen luce clarius expressum ex diae primo, qui in mense primo, hoc est, marcio, caena purius nobis designatus est, id est ex XIII k.ap. usque in XIII kl mal cena poris* (53). E mais adiante: *Quaeramus totidem, ex qua die XIII. mensis primi debeat cena puris pascha observari*, e ainda: *ut a quarta decima luna caena puris usque in XXmam primam sabbati lex paschae custodiat* (54). Se este tratado realmente estivesse de algum modo ligado ao computista Vitório Aquitano, de meados do séc. V, como se tem aventado (55), levar-nos-ia ele ao sul da França, mas os códices — um alemão, outro italiano — nos aconselham a falar da Europa em geral, e o próprio texto indica idade anterior (56). Contudo, embora os textos nada mais nos ofereçam do que a expressão *cena pura* — ou mais exatamente *caena purius*, *cena poris* e *caena puris* —, para designar a “Sexta-feira Santa”, sem falar dos judeus, aqui os consignamos para constarem no levantamento das fontes (57).

12 — Quanto aos códices latinos do Velho e do Novo Testamento, levam-nos eles à Itália e países vizinhos, embora um dos mais antigos, o codex Bobbiensis (=k), do séc. IV/V, provenha da África (58). Além da presença muito

(53) *Prologus Paschae*, 8 (PLS 3, 433).

(54) *Ib.*, 12 (ib. 435 e 436).

(55) Ver A. HAMMAN, *ib.* 380: forte eiusdem Victorii Aquitani est opus.

(56) Ver E. DEKKERS-AE. GAAR, *Clavis Patrum Latinorum*² (Sacris Erudiri III), Steenbrugis 1961, 512, n. 2292, onde o título da obra é *Computus Paschalis a. 395*, e s fala de fragmentos contidos num códice de Colônia e noutro de Milão.

(57) Em C. DU FRESNE DU CANGE-L. FAVRE, *Glossarium Mediae et Infimae Latinitatis* II, Paris 1937, 389, cita-se ainda a versão latina antiga de S. JOÃO CRISÓSTOMO, *Sermo in Natalem Ioannis Baptistae*: Qua die conceptus est Dominus, eadem die et passus est. Eadem ipsa die coena pura fuit, in qua et luna decima quarta occurrit. Não conseguimos identificar e consultar este texto, que igualmente consignamos para constar.

(58) B. FISCHER, *Vetus Latina. I. Verzeichnis der Sigel für Handschriften und Kirchenschriftsteller*, Freiburg 1949, 11, n.l. — Verificamos as cita-

provável de *cena pura* em Jo 19, 42 no texto usado pelo africano Ticônio (n. 7), citam-se:

— Jdt 8, 6 em dois códices da *Vetus Latina* (= VLat), onde se lê: *praeter cenam puram et sabbatum*, respectivamente: *praeter cena pura*, onde os Setenta lêem
 , outro nome para a “sexta-feira”, o que indica que aqui *cena pura* significa a “sexta-feira de cada semana” (59).

— Mt 27, 62 no códice d, o codex Bezae Cantabrigiensis, do séc. V, talvez proveniente de Lyon: *in crastinum... quae est post cena<m> puram convenerunt* (60).

— Mc 15, 42 no códice de Bobbio já mencionado: *cum factum esset cenae purae sabbati* (61), e no códice n, de São Gal, do séc. V, proveniente de Roma: *quia cena pura erat* (62).

— Lc 23, 54 no códice c, o Colbertinus, do séc. XII/XIII, do sul da França: *dies cenae purae ante sabbatum* (63), no códice a, o Vercellensis, do séc. IV, no códice b, o Veronensis, do séc. V: *dies erat cenae purae* (64), e no códice ff¹, de Corbie, do séc. X/XI: *dies erat cena pura* (65).

cões do *Thesaurus* nas poucas fontes que temos à mão. Em PL 12, 141-838 encontramos publicados, lado a lado, os códices *Vercellensis*, *Veronensis*, *Cobeliensis* e *Brixianus* = a, b, ff¹ e f. Damos as citações deles por concordarem com o que encontramos em outros autores, que consultaram edições mais recentes.

- (59) Ver, por ex., *Thesaurus* 779, onde se indicam os códices Reg. Sangerm. e Sangerm. 15. O primeiro não conseguimos identificar, enquanto sobre o segundo, do séc. IX, hoje sigla g¹, veja-se B. FISCHER, *ib.* 11, n. 7; H. HOPFL-B. GUT, *Introductio Generalis in Sacram Scripturam*², Neapoli/Romae 1950, 368. — Quanto a *παρασάββατον*, ver a nota 4.
- (60) Ver *Thesaurus* 779 e B. FISCHER, *ib.* 11, n. 5; A. JÜLICHER-W. MATZKOW, *Itala. I. Das Matthäus-Evangelium*, Berlin 1938, 210.
- (61) Ver A. BLAISE, *ib.* 142; *Thesaurus* 779 e A. JÜLICHER-W. MATZKOW, *Itala. II. Marcus-Evangelium*, Berlin 1940, 155.
- (62) Ver *Thesaurus* 779; A. JÜLICHER-W. MATZKOW, *ib.* 155 e B. FISCHER, *ib.* 12, n. 16.
- (63) Ver *Thesaurus* 779; H. J. VOGELS, *Evangelium Colbertinum. I. Text* (Bonner Biblische Beiträge 4), Bonn 1953, 129 e B. FISCHER, *ib.* 11, n. 6. — Infelizmente não pudemos consultar a edição dos Evangelhos de Lucas e João de A. JÜLICHER.
- (64) Ver *Thesaurus* 779; PL 12, 709 e 710 e A. GASQUET, *Codex Vercellensis II* (Collectanea Biblica Latina III, ii), Romae 1914, 146s.
- (65) Ver *Thesaurus* 779; PL 12, 710 e B. FISCHER, *ib.* 12, n. 9.

— Jo 19, 31 nos códices a e b (supra): *quoniam* ou *quia cena pura erat* (66) e no códice ff¹ (supra), onde se lê: *quoniam parasceve cenam paraverunt* (67).

— Jo 19, 42 no códice c (supra): *propter cena pura*, leitura confirmada pelo africano Ticônio (68).

Vemos, pois, que, além dos escritores africanos atrás examinados — Tertuliano, Ticônio, S. Agostinho, e provavelmente ainda o tradutor latino de S. Ireneu —, também entre os códices do Novo Testamento diversos indícios apontam para a África, sem que nos seja possível desenvolver aqui o problema complicado das origens da *Vetus Latina* (69). Por outro lado, a presença de *cena pura* nos códices europeus prova que a expressão era conhecida nos diversos países que vimos, mas não que fosse usada na linguagem do povo cristão, e muito menos ainda pelos judeus da Itália, pois isto não se atesta em parte alguma.

13 — Com efeito, o único exemplo de *cena pura* que até agora encontramos na Itália, fora dos códices mencionados, está no abade Eugípio de Pizzofalcone, subúrbio de Nápoles (c. 509), que incorporou aos seus *Excerpta ex Operibus S. Augustini* um trecho que se revelou ser parte do *Sermo CCXXI* deste último, por nós acima analisado (n. 8) (70). Este fato pode ter contribuído para tornar conhecida na Itália aquela expressão. À falta de outros textos provindos daquele país, que ali atestem o emprego de *cena pura*, cremos que nada de certo podemos concluir sobre uma eventual influência dos mencionados judeus ou do texto de Eugípio no uso da expressão na Itália. Como, por outro lado, por enquanto não nos consta tenham os judeus da Itália usado aquela expressão, e, portanto, a tenham podido levar à Sardenha já no tempo de Tibério, nada impede propormos como hipótese alternativa que ela tenha sido levada para lá, entre outros, pelos fiéis e bispos africanos para lá exilados pelos vândalos arianos nos sécs. V e VI (71). Com efeito, se o uso da expressão por parte dos

(66) Ver *Thesaurus* 779; PL 12, 485 e 486 e A. GASQUET, *ib.* I (ib. III, 1), Romae 1914, 233.

(67) PL 12, 486.

(68) Ver *Thesaurus* 779.

(69) Pode conferir-se, por ex., F. STUMMER, *Einführung in die lateinische Bibel*, Paderborn 1928, 4-76; H. HÖPFL-B. GUT, *ib.* 352-372.

(70) C. 120, 135 (CSEL 9, 445s; PL 62, 764B/C: c. 128).

(71) Ver, por ex., VICTOR DE VITA, *Historia Persecutionis Africanae Provinciae*, I. II, 23 (= II, 7) (CSEL 7, 32; PL 58, 208B): *Censet primo tyrannus (= Huniricus) iussione terribili, ut nemo in eius palatio mili-*

judeus africanos é relativamente bem atestado, ela o é precisamente pelos cristãos, que até a liam em códices do Velho e do Novo Testamento, onde é de salientar sua presença em alguns códices do Livro de Judite, que os judeus não admitem. Este fato, e o de ocorrerem variantes com *cena pura* por *parasceve* em passos neotestamentários, denuncia extravasamento do uso da expressão do meio judaico africano para o cristão. Sabemos, por outro lado, que os bispos africanos exilados na Sardenha continuavam ativos, e não estavam privados de livros, como consta, por ex., pelo fato de possuímos um códice do *De Trinitate* de Hilário de Poitiers com glosas marginais autógrafas, ao que parece, de S. Fulgêncio de Ruspe, um daqueles bispos (72).

14 — Talvez fosse de interesse investigar o destino de dois dos textos de S. Agostinho acima analisados (n. 8), pesquisa de que já fizemos menção. Conhecida como é a influência enorme daquele santo nos escritores medievais, podemos, com efeito, demonstrar, que essa influência, no ponto que aqui nos interessa, se exerceu de duas maneiras: uma série de escritores simplesmente transmitiu mais ou menos inalteradas suas informações sobre o uso de *cena pura* entre os judeus da África do Norte, enquanto outra, confundindo suas informações ou misturando-as, nos oferece um quadro adulterado dos fatos. Quanto à primeira série, temos, por ex., o Comentário sobre o Evangelho de S. João outrora atribuído a S. Beda, que simplesmente reproduz a explicação de S. Agostinho sobre Jo 19, 42 no Tratado 120: *Acceleratam vult intelligi sepulturam, ne advesperasceret, quando iam propter parasceven, quam cenam puram Iudaei Latine usitatius apud nos vocant, facere tale aliquid non licebat* (73). O mesmo

taret neque publicas ageret actiones, nisi sese Arrianum fecisset. Quorum ingens numerus, vigore invicti, ne fidem perderet, militiam temporalem abiecit; quos postea domibus proiectos omnique substantia expositos in insulis Sicillia et Sardinia relegavit; FERRANDO DIACONO, *S. Fulgentii Episcopi Ruspensis Vita*, c. 20, 40-21, 45 e c. 25, 49-28, 55 (PL 65, 137B-140C e 142A-145B). Ver também brevemente J. FRAIPONT, na introdução às obras de S. Fulgêncio em CC 91, p. V-VI.

- (72) Ver E. DEKKERS-AE. GAAR, ib. 185, n. 818; A. HAMMAN em PLS 3, 1349s; J. FRAIPONT em CC 91, p. X; E. DEKKERS, *Les autographes des Pères latins: Colligere Fragmenta*, Beuron 1952, 138, e sobretudo A. WILMART, *L'Odyssée du manuscrit de San Pietro [D 182] qui renferme les oeuvres de saint Hilaire: Classical and Mediaeval Studies in Honor of E. K. Rand*, New York 1938, 293-305.
- (73) [BEDA], *In S. Ioannis Evangelium Expositio*, c. 19 (PL 92, 917B). — Ver o texto de S. Agostinho citado no n. 8.

fazem Haimo de Auxerre (74) e S. Tomás de Aquino (75), enquanto Alcuíno muda o final do texto do modo seguinte: *quam cenam puram Iudaei Latine usitatus praeparationem apud nos vocant* (76), o que confunde as coisas. Não devemos, contudo, esquecer-nos de que os comentários bíblicos medievais muitas vezes nada mais são do que catenas de textos patrísticos, e os chamados “Sermões”, por vezes extremamente longos, igualmente querem oferecer ao leitor material patrístico exegético para a explicação dos Evangelhos dominicais, etc. Mas é por isso mesmo que podem induzir em erro o leitor desprevenido, como quando, em nosso caso, simplesmente transcrevem o *apud nos* de S. Agostinho, que certamente se referia à África do Norte. Isto poderia dar a entender a quem não soubesse tratar-se de uma citação daquele santo, que também nos respectivos países daqueles autores os judeus chamavam a “Sexta-feira Santa” *cena pura*, quando falavam em latim, quando até agora não se apontou ainda nenhuma fonte judaica, mas somente textos cristãos.

15 — Outra série de escritores, encabeçada, ao que parece, por S. Beda, confunde e interpreta a seu modo diversos textos de S. Agostinho, desejando, quicá, aproveitar as informações de todos eles. Diz, pois, aquele escritor sobre Lc 23, 54: *Parasceve praeparatio interpretatur, quo nomine Iudaei, qui inter Graecos conversabantur, sextam sabbati, quae nunc a nobis sexta feria vocatur, appellabant, quod eo videlicet die quae in sabbatum fuerint necessaria praepararent, iuxta quod de manna quondam erat praeceptum: Sexta autem die colligitis duplum (Ex 16, 5), et cetera. Qui vero inter Romanos vitam ducunt Iudaei usitatus eam Latine cenam puram cognominant* (77). Esta informação é repetida, por ex., por

(74) *Homiliae de Tempore, Hom. LXVIII. Feria Sexta Parasceves* (PL 118, 413D-414A). — As Homilias vão sob o nome de Haimo de Halberstadt, mas veja-se P. GLORIEUX, *Pour revaloriser Migne. Tables rectificatives* (Mélanges de Science Religieuse IX [1952], Cahier supplémentaire), Lille 1952, 57.

(75) *Catena Aurea, In Ioannis Evangelium*, c. 19. — Na própria *Super Evangelium S. Ioannis Lectura*, c. 19, Lectio VI (R. CAI, *S. Thomae Aquinatis Super Evangelium S. Ioannis Lectura*, Taurini/Romae 1952, 457, § 2469) nada diz a respeito.

(76) *Commentarius in Ioannem*. l. VII, c. 40 (PL 100, 987A). — O autor provavelmente tomou a *praeparatio* do Tract. 117, 2, citado no n. 9. — LUDOLFO DA SAXÔNIA, *Vita Iesu Christi IV*, Parisiis/Bruxellis 1878, 148 (Pars II, c. 66, 1) cita o texto de S. Agostinho, mas omite a informação sobre *cena pura*.

(77) *In Lucae Evangelium Expositio*, l. VI, c. 23, 54 (CC 120, 409; PL 92, 621C/D). Repete a primeira parte *In Marci Evangelium Expositio*, l. IV, c. 15, 42-43 (ib. 637; ib. 293A).

Esmaragdo de St. Mihiel-seur-Meuse (78), Amalário de Metz (79), Rabano Mauro (80), Ruperto de Deutz (81), e Sicardo de Cremona (82). Na primeira parte trata-se, a nosso ver, da interpretação errônea do que S. Agostinho havia dito no Tratado 117, 2 sobre o Quarto Evangelho, onde afirma que *parasceve* significa *praeparatio* em latim, e que também os judeus que falavam mais o latim do que o grego, preferiam servir-se de preferência daquela palavra grega (n. 8). Ora, nada nos obriga a supor que o santo não esteja falando apenas dos judeus da África do Norte. A segunda parte refere-se ao Tratado 120, 5, onde S. Agostinho explica que os judeus lá mesmo — *apud nos* — mais freqüentemente, falando latim, chamavam à *parasceve cena pura* (n. 8). Portanto, no tempo de S. Beda já se dividiam os judeus em dois grandes grupos: *qui inter Graecos conversabantur* e que diziam — no imperfeito — *parasceve*; *qui inter Romanos vitam degunt* e dizem — no presente — *cena pura*. O simples *apud nos* de S. Agostinho, referindo-se apenas aos judeus da África do Norte, que já se haviam transferido para a Europa com os escritores da primeira série, como vimos (n. 14), para S. Beda e seus seguidores são os judeus que vivem *inter Romanos*, como os judeus que falavam grego na África do Norte de S. Agostinho se mudaram em judeus que viviam entre os gregos. É interessante observar a mudança dos tempos, ao falar dos judeus que viviam entre os gregos, e dos que levam a vida entre os romanos. Por estes últimos S. Beda certamente devia entender os que em seu tempo viviam no Ocidente latino. Contudo, como é muito pouco provável que os judeus da Inglaterra de S. Beda falassem o latim, tampouco quanto os judeus da Alemanha de Ruperto de Deutz ou os da Itália de Sicardo, vê-se que os dois textos de S. Agostinho foram simplesmente fundidos e seu conteúdo transferido, sem mais, para

(78) *Collectiones in Epistolas et Evangelia, Passio Domini Nostri Iesu Christi* (PL 102, 197C).

(79) *De Ecclesiasticis Officiis l. I, c. 13* (PL 105, 1024A): *Parasceve, ut Beda ait, praeparatio interpretatur. Quo nomine... Qui vero inter Romanos vitam ducunt Iudaei, usitatus eam Latine coenam cognominant. — Supomos ter caído a palavra puram.*

(80) *Commentaria in Matthaeum, l. VIII, c. 27, VIII* (PL 107, 1147B), onde, contudo, não fala em *cena pura*, porque cita o texto de S. Beda sobre Mc 15, 42s. Ver a nota 77.

(81) *Commentaria in Evangelium S. Ioannis, l. XIII, c. 19, 13-14* (CC-Cont. Med. 9, 737; PL 169, 785A); *De Divinis Officiis l. VI, 1* (CC-Cont. Med. 7, 187; PL 170, 153A/B).

(82) *Mitræale, l. VI, c. 13* (PL 213, 311B/C).

a Europa, e passados adiante pelos séculos, sem que seja possível concluir daí para o que os judeus realmente diziam em grego ou latim. Provavelmente falavam entre si em hebraico do *erev pesach*, “véspera da Páscoa” (83), como ainda hoje, e com os outros na língua de cada qual, ou, então, na eclesiástica, dizendo *parasceve*, o que todos entendiam, pois a palavra se lia no Novo Testamento e se ouvia nas igrejas. Por outro lado, convém notar que Ruperto de Deutz, nas duas vezes que cita o texto de S. Beda — não importa se direta ou indiretamente —, corrige a mudança dos tempos e diz: *Qui vero inter Romanos vitam ducebant... cena puram cognominabant* (84). Isto parece significar que ele em seu tempo já não conseguiu verificar a exatidão daquelas palavras, mas supunha que os fatos assim se tivessem dado no passado, uma vez que assim referiam os escritores anteriores a ele.

16 — Concluimos que a história de *cena pura* demonstra ser ela mais complicada do que se pensava. As fontes mais antigas — e entre elas nos parece podermos incluir, como a mais antiga, a tradução latina de S. Ireneu (n. 3.10), e uma das mais antigas o códice de Bobbio (n. 12) —, nos levam todos à África do Norte. Tertuliano e S. Agostinho ligam a expressão aos judeus, sem, contudo, dar a conhecer sua origem ou seu significado, como igualmente não faz nenhuma das outras fontes antigas que pudemos verificar (n. 5s.8). Não se explica sua origem pelo caráter vegetariano da ceia pascoal dos judeus, que nunca existiu (n. 4), nem se conseguiu provar ainda que se tratasse de tradução do grego *δειπνον καθαζον* (n. 4). Pode simplesmente ser de origem local africana e referir-se aos ázimos que se usavam na ceia pascoal, como se tem aventado (n. 2), o que confirmaria que a expressão originariamente se limitava, ao que tudo indica, a designar “a Sexta-feira Santa”. Passou ela para a Europa talvez com os códices da *Vetus Latina*, e certamente se tornou conhecida também através das obras de Tertuliano, das de S. Agostinho, o mais lido e citado de todos, da versão latina de S. Ireneu, etc., pois não se pode demonstrar sua existência anterior naquelas paragens. Desta forma, ao invés de uma hipotética origem galicana da expressão com S. Ireneu, cujo texto eventualmente teria inspirado a Tertuliano

(83) H. L. STRACK-P. BILLERBECK, *Kommentar zum Neuen Testament aus Talmud und Midrasch* I, München 1922, 1052.

(84) Nas duas passagens citadas na nota 81.

(n. 10), estaríamos diante do processo contrário: a expressão *cena pura*, de origem judaica africana, paulatinamente se tornou conhecida na Europa por intermédio dos escritores africanos, entre os quais podemos incluir o tradutor latino de S. Ireneu. Vimos o caminho que seguiram os textos de S. Agostinho até à alta Idade média, e suas diversas interpretações, fazendo com que se atribuisse aos judeus em geral, o que ele afirmava dos da África do Norte em particular (n. 14s). Isto prova ao mesmo tempo que a expressão nunca entrou no uso popular, porque, enquanto conseguimos verificar até ao presente, ela só aparece com os textos de S. Agostinho, citados corretamente, ou mal interpretados. Não se provou ainda que os judeus da Itália tenham usado a expressão já em tempos de Tibério (n. 1), e nem mesmo em época alguma, tendo, por outro lado, podido levá-la à Sardenha os bispos e cristãos africanos exilados (n. 13), pois são precisamente as fontes cristãs africanas que dela nos falam em primeiro lugar. Caberia aos sardos resolver o problema de quando exatamente a *cena pura* entrou na Sardenha e quando começou a ser usada para designar todas as sextas-feiras.

17 — Se conseguimos aumentar o número de atestações de *cena pura* nos escritores cristãos antigos, e delinear rapidamente sua história posterior, maior talvez teria sido seu número, se tivéssemos tido à mão todas as edições das obras antigas que tratam da data da Páscoa e outros pontos de cronologia, cujos autores costumam designar-se complexivamente como “computistas” (85). Fazendo o que nos foi possível, esperamos ter esclarecido algumas dúvidas e contribuído de algum modo para a história do problema interessante da expressão *cena pura*, embora — confessamo-lo sem mais — esta investigação toda muitas vezes nos obrigasse a aventurarmos-nos em territórios que não são propriamente os nossos. Esperamos, contudo, que estas indagações e considerações tenham interesse para o nosso caro homenageado. Afinal de contas, foram versados problemas de crítica textual e de exegese bíblica e patrística a respeito de uma expressão que não é sem interesse na Romanística. E embora seja nossa opinião de que a *cena pura* nada tenha a ver com a dieta vegetariana (n. 4), até esse ponto, ao menos no seu aspecto anecdótico, não há de ser-lhe sem interesse.

(85) Ver E. DEKKERS-AE. GAAR, ib. 502-518: *Opera de Tempore*.